

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROGRAMA BALE (BIBLIOTECA AMBULANTE E LITERATURA NAS ESCOLAS): A ÉTICA COMO OBJETO DE ANÁLISE

Joana Darc do Nascimento Barros; José Mário de Souza; Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: jdjoca@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: mariosouzagm@gmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: malupsampaio@hotmail.com

RESUMO: Com este artigo, objetivamos apresentar um estudo acerca da Filosofia para Crianças (LIMPMAN, 2001) envolvendo o tema ética, articulando-a as contribuições desse tema ao papel do Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas) do *Campus* “Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM/UERN, na contação de história. O presente trabalho se configura numa abordagem qualitativa e se ancora em pesquisa bibliográfica. As discussões aqui emanadas contribuirão na compreensão do processo de formação ética das crianças, de forma a desenvolver suas potencialidades de cidadãos conscientes do seu papel no mundo atual.

Palavras-chave: Filosofia para crianças, contação de história, ética e Programa BALE.

Introdução

O trabalho intitulado “Filosofia para crianças e contação de histórias no Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas): a ética como objeto de análise” apresenta um estudo voltado para o tema “Filosofia para Crianças”, o qual foi desenvolvido por Lipman (2001), verificando os efeitos que geram a prática da filosofia ética no cotidiano da criança, na medida em que, estas, tenham contato com a contação de histórias. Acreditamos que através da contação podemos levar as crianças à reflexão sobre temas que instigam a curiosidade em descobrir novos conhecimentos a partir das suas próprias descobertas, suscitadas pelas indagações, advindas do método Filosofia para crianças. Para tanto, objetivamos, verificar as contribuições e o papel do BALE na contação de história sobre ética no âmbito da Filosofia para Crianças.

Da pesquisa bibliográfica emerge uma ampla discussão sobre as concepções que envolvem a Filosofia para Crianças e a contação de histórias com base nos seguintes teóricos: Busatto (2001), Sisto (2011), Corso & corso (2006), Rousseau (1992), Kant (1999), Lipman (2001) e Bettelheim (2002) por meio de uma revisão teórica-bibliográfica.



O interesse por essa temática surgiu a partir das experiências vivenciadas enquanto atuantes no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas. O BALE é um programa de extensão, do Departamento de Educação que funciona em parceria com o Departamento de Letras do *Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” /CAMEAM*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino-aprendizagem – GEPPE. O programa foi idealizado pelas professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas no ano de 2007, com foco inicial nas escolas dos bairros São Geraldo e Riacho do Meio em Pau dos Ferros, mas que atualmente, uma década depois, atende não somente as escolas do município de Pau dos Ferros, mas as cidades circunvizinhas e até a outros Estados tendo como objetivo principal à formação de leitores.

Para Busatto (2001) nenhuma forma de literatura é tão rica quanto a contação de história, pois permite ler o mundo dos homens de forma reinventada. Mediante as transformações ocorridas no nosso tempo e a velocidade com que avança a virtualidade global, faz-se necessário alimentar o mundo da criança com imaginação crítica e pessoal. Para esse fim, é evidente que precisamos de novas abordagens teóricas, onde professores e contadores de história tenham como papel principal investigar na criança o desvendar do caráter oculto do texto, para que funcione como agente de formação. Vale salientar que, essa formação também é pedagógica, pois ambas estão imbricadas no processo de gerar possibilidades para que a leitura auxilie a sua experiência de vida.

A história, segundo Busatto (2003):

Serve para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar etnias; manter a história viva; para se manter vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar os significados para nossa existência e reativar o sagrado. (BUSATTO, 2003, p. 14)

Na mesma direção de Busatto (2013) é que Cisto (2011) afirma que o maior segredo de um contador de histórias é levar em conta a natureza do público, pois a narrativa escolhida deve despertar o interesse da pessoa ou do grupo, o ouvinte precisa ser acordado pela expressão corporal, gestos, palavras e olhares do contador. Um cuidado fundamental no trato da criança e do jovem é saber o contexto ao qual ele está inserido, é importante verificar aspectos de sua formação anterior, antes de escolher a narrativa. Assim, diz Sisto (2001, p. 17). “A grande dica para ser um bom narrador é ler muito; os livros; as placas; os gestos; as pessoas; a vida em cada coisa”. É não ter pressa; o contador de história tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo



prazer de dizer (que é muito diferente de ler ou explicar a história). A leitura deve ser trabalhada e incentivada diariamente nas escolas. As salas de aula, por sua vez, devem ser um local aconchegante e que aproxime o leitor dos livros que lá existem.

O trabalho está organizado com base na metodologia e nos resultados e discussões. Na metodologia trazemos os passos da pesquisa e nos resultados e discussões procuramos discutir o papel da filosofia para crianças a partir da leitura e da contação de história, refletindo a ética como objeto de análise na perspectiva da transformação humana.

Metodologia

A pesquisa é de caráter qualitativa e bibliográfica, pois visa a criar maior familiaridade, por meio do estudo de materiais, como por exemplo, o “Método Pimpa” (LIMPMAN, 2001), através do qual iremos nos apoiar para geração de dados, mediante o acesso das crianças ao referido método.

A experiência que estará brevemente em execução subsidiará esse trabalho e terá como campo empírico a Escola Estadual João Escolástico, instituição da rede pública de ensino de Pau dos Ferros-RN, que funciona com turmas de ensino fundamental.

Na geração futura dos dados empíricos utilizamos da mesma estratégia já comprovada pelo programa BALE que é a contação e depois a recontação de histórias, nesse caso específico, envolvendo a temática ética, com o intuito de identificar através da prática, que aprendizagens a criança pode construir para elencar uma personalidade ética. Para efeito desse artigo nos deteremos apenas as reflexões teóricas.

Resultados e discussões

Durante a realização de algumas apresentações realizadas pelo BALE, na Escola Estadual João Escolástico, situada no Bairro Riacho do meio na Cidade de Pau dos Ferros/RN, percebemos uma mudança significativa no comportamento de alguns alunos da referida escola no que concerne a participação ativa em atividades que envolvem leitura e reflexão de textos, onde a criança tem a oportunidade de fazer o relato da história, podendo agregar a mesma, valores éticos que foram despertados durante a contação. Nesse processo, percebemos que é possível abarcar um problema investigativo onde pode comparar suas ideias com as do colega e as dos colegas entre si, e assim confirmar, ampliar ou modificar seu ponto de vista.

Para essa compreensão se faz necessário observarmos a vivência de atividades reflexivas realizadas pelas crianças durante seu processo educacional. E nesse sentido, a filosofia tem muito a dizer sobre educação. Isso porque, como enfatizado por Kant (1999) a palavra EDUCAR vem do grego e significa trazer à tona, imergir no indivíduo e fazer surgir à semente da humanidade escondida dentro da criança, potencializando valores que já estão lá.

Para os gregos antigos, Sócrates, Aristóteles e Platão a educação tinha a ver com humanizar, mais que meramente informar, para eles o papel principal da educação era transformar almas de crianças em almas de adultos, em outras palavras, amadurecer a sua humanidade, ou seja, os valores éticos e morais, ensinar a viver, formar e informar. Nesse modelo de educação Socrática, platônica e Aristotélica, o objetivo primordial era gerar compreensão e não adestramento, pois para esses homens o sacro ofício de tornar a humanidade melhor era dando o exemplo em qualquer lugar, para eles falhar era um desserviço à educação.

Durante a vivência dessa etapa educativa o sujeito desenvolvia comportamentos, vícios e tendências, e o educador tinha por ofício colocar a sua essência como seu representante superior educador enquanto a criança ainda não tinha totalmente desenvolvida sua própria essência. Nesse tempo o que se primava na educação era o conhecimento em si, como fim e não como um estorvo, educar era trabalhar com a consciência e não com medo e desejo.

A maior parte da educação daquela época era feita através de contação de histórias, os contos eram os mais requisitados por atuar no plano da imaginação e da fantasia heroica, despertando na criança o interesse em criar experiências de vida, uma boa história faz com que a criança saia pensando em si mesma ou como aplicar aquele conhecimento a sua vida, absorver a essência da vida ética e fazer da simplicidade seu maior requinte. Esse exercício constante faz depurar o próprio gosto, coloca-o em sintonia com ética pessoal e escolar, solta a imaginação do aluno e não se torna um clone social. O maior desafio é como despertar esses valores.

Partiremos, então, dessa percepção e com interesse em pesquisar mais sobre essa criança em formação permanente e como a filosofia pode contribuir para sua formação, é que surgiram alguns questionamentos, os quais delineamos na seguinte pergunta a ser respondida: de que forma a contação de história, envolvendo o “método Pimpa” favorece o conhecimento das crianças acerca da ética a partir do Programa BALE? A resposta a essa pergunta nos levará a entender se qualquer história mexeria com o imaginário das crianças, ou se esse despertar só seria possível a partir de histórias que se aproximasse da vivência delas.

Frente ao questionamento acerca da contação de histórias, infere-se quão proveitoso será uma experiência de contação de histórias, envolvendo o “método Pimpa”, no qual tem-se uma personagem que investiga diferentes situações de inconformismo, ou seja, a resposta dada a personagem “Pimpa”, a mesma não se conforma e vai questionando as pessoas, procurando suas respostas de forma investigativa/criativa. Com isso, acreditamos que numa experiência em que as crianças já se interessam por contação de histórias literárias no BALE estas se manterão interessadas em participar de atividades de contações, envolvendo temas filosóficos. Ou seja, a filosofia para crianças dariam bons frutos numa sala de aula heterogênea onde estudantes falem sobre uma variedade de experiências e estilos de vida (LIPMAN, 2001).

Para melhor apreensão do objeto de estudo o direcionamento teórico dessa reflexão é que nos baseamos nos estudos das obras Kant (1999), que vai tratar da atividade educacional, sob o ponto de vista filosófico, num contexto social de rápidas mudanças tecnológicas e constantes alterações dos valores tradicionais em nossa sociedade. Isso porque, torna-se cada vez mais urgente refletir sobre os princípios éticos educacionais. Para ele a finalidade da educação, e a formação ética e crítica visa a autonomia intelectual, uma vez que acredita que a pedagogia está além do viés prático metodológico. O homem não nasce moral, torna-se pelo processo educativo.

Em sua obra intitulada “sobre pedagogia” Kant (1999) afirma que a razão não é algo pronto e acabado que foi entregue ao homem por isso é necessário educação e orientação. “O homem é a única criatura que precisa ser educada” (1999, p. 11). Chauí (2010) discute que a ética ou filosofia moral exerce o papel formador na escola sobre todos os estudantes. Independente de qual área ou opção futura venha a escolher enquanto profissional, o despertar, o espírito ético questionador é uma base sólida de sustentação.

Considerando que não existe saber pronto e acabado, a filosofia é o instrumento de descoberta do pensamento que é capaz de pensar em si próprio. Afinal, pensar é alcançar algo desconhecido, pois as questões filosóficas, não são estranhas nem distantes de nossas vidas de todos os dias. Isso é, uma reflexão que discute, problematiza e interpreta o significado de valores morais na educação diária e constante.

Rousseau (1992) por abordar que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe, tornando-o mau, traz como proposta de educação em EMÍLIO, o evitar que se torne um adulto com má formação moral. Para o autor o que diferencia a criança do adulto é a educação. É pela educação que a criança entende de valoração e é valorizada, devendo ser tratada como criança, mas exercitando o limite do excesso.

Ainda para Rousseau (1992) quando crescemos necessitamos daquilo que não trazemos ao nascer (razão e força), que é exatamente o que mais precisamos quando adulto e só pode ser dado pela educação, afinal só ela tem o poder de modificar o homem. Rousseau foi o primeiro a reconhecer a importância dessa fase inicial da educação da criança, dando início uma nova pedagogia onde a criança é o centro da discussão, Já Corso & Corso (2006) referendam que cada história ou conto que compõem o todo de sua obra “fadas no divã” são tratadas de forma que cada um receba o fechamento em si, ou seja, a temática é pensada para um público imaginário e de livre interpretação.

A título de ilustração temos as histórias e contos de fadas que ganham nova roupagens, conforme a evolução dos tempos, e ganham vida através da psicanálise. Histórias como “DUMBO”, “JOÃO E MARIA” dentre outros, são incorporadas ao dia-a-dia da criança para trazer-lhes uma reflexão positiva de como enfrentar seus problemas e medos cotidiano. Pode-se dizer que os autores suavizaram os antigos contos para melhor servir aos propósitos infantis, exemplo disso é a primeira versão de Chapeuzinho vermelho, se verificarmos a tradução oral da França, Perrault, no século XVII, a chapeuzinho era devorada pelo lobo. Bettelheim (2002), falando sobre o papel da contação de histórias, diz que todos nós somos ambivalentes, na realidade somos bons e maus ao mesmo tempo, mas dada a inocência da criança não existe meio termo, para ela ou é bom ou é mau.

Segundo o referido autor a própria psicanálise está sendo encarada com o propósito de tornar a vida fácil, contra o seu criador a saber Freud, que criou a psicanálise para capacitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida ou ser derrotado por ela. Assim, contar histórias e contos de fadas com ênfase na psicanálise foi a forma encontrada para tratar dos conflitos internos e resolver problemas que muitas vezes são ignorados por pais e professores. Deixando claro para a criança que uma luta contra dificuldades é inevitável.

Frente ao questionamento acerca da contação de histórias, envolvendo o “método Pimpa” caberia verificar se este favorece o conhecimento das crianças acerca da ética no Programa BALE. É por isso que nossas reflexões se apoiará em crianças que já se interessam por contação de histórias literárias no BALE, portanto, se manterão interessadas em participar de atividades de contações, envolvendo temas filosóficos.

Concordamos com Kant (1999) ao afirmar que de fato não podemos ensinar ética para crianças de outra forma, exceto pelo contato com exemplos práticos em educação e política. Para esse autor, “[...] a arte de educar está entre as duas consideradas difícilimas, considerando que a outra está ligada ao governar”. (KANT,1999, p. 20). Sua proposta de educação se dá através do

diálogo, pois é aí que se encontra a alma, a essência da investigação filosófica. Podemos dizer que é na comunidade investigativa, seja escolar ou grupos culturais que encontramos a célula mãe para o desenvolver e cultivo das habilidades do pensamento (raciocínio cognitivo, formação de conceitos ou defesa de pontos de vista).

Acredita-se que histórias direcionadas para diversas situações reais do cotidiano da criança podem despertar na mesma uma direção positiva rumo à ética pessoal. Argumentar situações das histórias infantis onde o herói volta para casa depois de ter vencido vários obstáculos desafiadores, traz à tona pensamentos positivos e o desejo de também vencer os problemas que lhe afetam. Na busca de significados elas podem sair mais fortalecidas, será uma excelente oportunidade para provocar na criança a auto reflexão, a intenção investigativa e conseqüentemente a aplicação na sua vivência. É como se ela também tivesse saído pelo mundo para provar seu valor, nessa perspectiva escreve Corso (2006), hoje, tem-se optado por escrever livros dirigidos às crianças pequenas em que narrem conflitos cotidianos, nos quais eles próprios são protagonistas, explicando emoções ou propondo soluções e negociações possíveis.

Para ilustrar retomamos a um clássico da Disney, que é um exemplo claro e muito trabalhado no meio educacional: “O elefantinho DUMBO”. Nessa história a mãe mesmo sabendo que se aceitar o filho “deficiente” será levada ao fracasso e a ruína, briga por ele, porque o filho será sempre sentido e vivido como se fosse parte da mãe. A problemática não para no preconceito da anomalia do elefantinho, alguém sabe onde está o pai do Dumbo? Não temos certeza, mas vemos um ratinho chamado Timóteo desempenhando esse papel. Se uma criança enfrenta problemas como esses, certamente vai se identificar com uma espera de final feliz também.

Outro conto que tem provocado grandes reflexões entre as crianças é notadamente “João e Maria”, o relato da eficácia desse conto é muito frequente pelos professores e mediadores de histórias infantis, visto que, crianças das zonas periféricas tem se mostrado muito interessadas por ele. Numa pesquisa feita entre crianças foi observado que elas se identificam com “João e Maria” jogada na floresta a mercê da sorte, eles também são jogados na rua para pedir esmolas nos sinais dos centros da cidade, tem que voltar pra casa levando comida a exemplo do conto e acima de tudo reconhecem pelo modo quase real do conto, pois não há príncipe, princesa ou casamento num castelo, os heróis simplesmente voltam para casa trazendo o sustento para a família. Sendo concordes com Bettelheim (2002, p. 118): “A história só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos, essa

descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma”. Nessa mesma direção de Bettelheim, mas voltando-se para a ética temos o pensamento de Freire (2015):

Não é possível pensar os seres humanos longe, longe se quer da ética, quanto mais fora dela. E reafirma sua posição. [...] assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. (FREIRE, 2015, p. 34-101)

De acordo com Freire, a capacitação do professor é importante para a construção e aquisição do conhecimento, dessa forma, deve-se considerar que, a ética atravessa todas as dimensões, ao ensinar, o professor deve acima de tudo, ser ético, deve ainda, dar testemunho de seu profissionalismo.

É na relação entre crianças que percebemos as divergências, as igualdades e os meios para formular uma nova hipótese, concordar ou discordar de um conceito pré-existente. Abordamos nesse contexto o Processo investigativo PIMPA, por se tratar de aperfeiçoamento no modelo de pensar filosoficamente sobre as ideias que lhe interessam. Conforme Lipman (1997, p. 02): “a perplexidade numa criança instiga a dar explicações sobre as coisas ao seu redor, a curiosidade que nelas habita, exige uma resposta para cada fenômeno que lhes aguça a razão, sem não para os outros, para si mesmas”. Assim sendo, o principal propósito de Pimpa é causar o espanto, o maravilhamento na criança, e a melhor maneira para que isso aconteça é deixá-los intrigados e perplexos.

Conclusões

Diante do exposto até aqui, consideramos que, o trabalho em tela traz uma discussão pertinente que aponta para a contribuição e o relevante papel do Programa BALE frente a vivência com atividades educativas e suas correlações entre ética e a contação de histórias. Isso porque, a Filosofia para crianças é considerada um requisito para atuar no plano da imaginação e da fantasia, despertando na mesma, o interesse em criar experiências de vida.

Uma boa história faz com que a criança saia pensando em si mesma e como aplicar aquele conhecimento à sua vida, observar a essência da vida ética e fazer da simplicidade seu maior requinte. Sair do plano das ideias para a concretização no mundo real.

Entretanto, o fato mais interessante para estarmos a falar de filosofia para as crianças é o contato da leitura por meio do Programa BALE através da seguinte pergunta: Será que qualquer história mexeria com o imaginário das crianças, ou se esse despertar só seria possível a partir de histórias que se aproximasse da vivência delas? De fato, a criança tende a assimilar conteúdos imaginários que podem ser aplicados na sua vivência cotidiana, buscando soluções para seus conflitos internos e adequando esses conteúdos para externar os seus pensamentos através das ações concretas.

Referências

BETTELHEIM. B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

BUSATO. C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003.

CHAUI. M. **Filosofia, volume único: ensino médio**. São Paulo: Ática, SP, 2010.

CORSO E CORSO. D. M. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artemed, 2006.

KANT. I. **Sobre pedagogia**. São Paulo: Editora Unimep, 1999.

LIPMAN. M. A. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

———. **Filosofia para criança: educação para pensar**. São Paulo: Cromoset, 2000.



———. **Filosofia para crianças: manual do professor.** São Paulo: Cromoset, 1997.

———. **Filosofia para crianças: Pimpa.** São Paulo: Cromoset, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

ROUSSEAU. J. J. **Emílio ou a educação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SISTO.C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Chapecó: Argos, 2001.